

# FOLHAS NOVAS

## Factos e razões

Composição e impressão  
Typ. M. Reis Gomes — R. da Moeda, 14

Editor e proprietário — Floro Henriques

Redacção e administração  
R. do Loureiro, n.º 58, 1.º — COIMBRA

### PARA A GENTE DO CAMPO

Não vos deixeis enganar.

S. PAULO.

A Verdade vos fará livres.

*Evangelho de S. João.*

O plano d'estas *folhas* nasceu d'um grupo de homens de acção, que determinaram pôr por obra os seus ideaes, fazendo-os circular por toda a parte, sobretudo entre a gente do campo, onde a verdade é, quasi sempre, aquillo que o padre quer.

Mas a verdade é a verdade. E essa precisa o povo de a saber, mesmo porque sem isso não alcançará nunca a liberdade, nem fará sentido a sua vida.

Foi por isso que um grupo de cidadãos determinou que estas *folhas* lhe fizessem, todos os mezes, uma visita amiga, onde elle terá alguns momentos de conversa, instruindo-o de coisas que ao seu conhecimento são indispensaveis.

E como agora chega o inverno, tu, meu caró Zé da enxada, accende o cerne de pinho, volta os pés para o borralho e lê. Lê e medita. Nada mais te pedimos. Porque o nosso fim, repara bem, não é pedir-te o voto nem a orelheira do teu porco, como sempre têm feito aquelles que te exploram com vãs promessas de felicidade proxima.

De ti queremos apenas a razão esclarecida e a vontade liberta. E para isso te diremos sempre, em cada folha, em cada linha, que te não deixes enganar. Que te instruas, porque só instruindo-te poderás fugir á tutela dos maus e dos tirannos, que é como quem diz, á tutela do padre e do politico.

Muitos te têm dito que a tua felicidade está no céu. São os que te querem sem pão e sem camisa. Ora o nosso fim é outro bem diverso. E' dizer-te que a tua felicidade está em ti proprio.

A vida livre, o futuro risonho, a saude do corpo, a paz do lar, todo esse bem por vir, que os padres e os politicos andam de continuo a prometer-te sem que jámais o vejas realisado, não o esperes d'elles; não o esperes de fóra, porque só póde vir de ti proprio.

Convence-te d'esta grande verdade. E é para que d'ella te convenças que estas *folhas* começam hoje a visitar-te.

Lê, medita e vae contar aos teus amigos as impressões do que fôres lendo, para que contigo as discutam e propaguem. E até breve.

### A MORTE DE FERRER

A gente pela Verdade  
Deve-se deixar matar

JOÃO DE DEUS.

Antes de começar a escrever esta primeira *Folha*, procurei para ella o assunto que mais utilidade te offerecesse e que mais directamente interessasse a tua vida

e o teu futuro. Lembrei-me da cultura da terra e do desprezo que lhe votam os governos, deixando-te sósinho a braços com a miseria e a ignorância. Pensei depois em te fallar no peso dos tributos e no luxo dos ricos ociosos, que tu sustentas com lagrimas de sangue. Lembrou-me ainda dizer-te o que o teu semelhante faz lá fóra, para conquistar a sua liberdade e o seu pão; e, por fim, quiz dar-te alguns conselhos salutaes que tu aproveitarias para raciocinar um pouco sobre a tua situação presente. Tudo isto, porém, eu tive que pôr de lado, porque aos bicos da minha pena acudiam sempre estas palavras tragicas: *fusilado por ensinar o Povo!*

E por mais que eu quizesse falar-te de outra coisa, em minha frente apparecia sempre, tambem, um homem com o corpo atravessado de balas, clamando vingança a todos os espiritos e a todos os povos do mundo.

Por esse motivo puz de parte todos os outros assumptos para te falar sómente ácerca d'esse Homem que te chamia do tumulo.

Quem é, porém, esse Homem? has de tu perguntar.

Esse homem chamou-se em vida Francisco Ferrer e residia em Barcelona, grande cidade de Espanha. Fôra no principio da sua vida revisor dos caminhos de ferro, mas como era intelligente e tinha alma e character e honestidade, foi escolhido por um antigo ministro, nesse tempo em Paris, para ser o seu secretario e o seu confidente.

Morto Zorrila, porque assim se chamava esse grande politico espanhol, Ferrer fez-se professor e começou a ensinar, na capital de França, a sua lingua natal.

Ora succedeu entre os seus alunos apparecer uma mulher de 50 annos, que tinha sido educada pelos clericas. Essa creatura admirada por ver um homem sem religião e sem fé, sem que todavia fosse um monstro, como sempre lhe diziam que eram todos os homens nessas condições, quiz discutir com elle. Mas como a razão e a verdade andam sempre ao de cima como o azeite, essa mulher foi vencida pelos argumentos de Ferrer, ou, melhor, pelos argumentos da sciencia e da historia. E de tal modo se impressionou com a bondade e o character limpido e nobre d'esse homem, que resolveu deixar-lhe toda a sua fortuna, que por signal era grande. Nada mais nada menos que uma grande casa em Paris com sete contos de rendimento por anno.

Outro qualquer trataria logo de se abotoar com esses contos, a fim de gosar e divertir-se. Pois Ferrer, que demais a mais tinha filhos a sustentar, pegou nesses contos de reis e começou a fundar escolas para o Povo.

Nessas escolas ensina-se tudo segundo a razão e a natureza.

A creança aprende todas as coisas praticamente, sem esforço nem cansaço de memoria. O professor não bate nem ameaça: é um amigo e um pae. Ensina com amor e com carinho. Tão bella essa moderna escola que as creanças em vez de fugirem como sucede com as nossas, correm para lá, como para um brinquedo.

Mas como sempre acontece, os padres começaram logo a guerrear a escola e o seu director. Porque os padres não querem o povo instruido e quando o fazem é com doutrinas jesuiticas e em escolas por elles dirigidas. Foi o que Ferrer não quiz.

Fundou escolas, muitas escolas para o povo se instruir, mas escolas sem padres e sem livros fradescos. Escolas modernas, segundo a verdade das coisas e a sciencia dos factos, que é como quem diz segundo a razão humana. Ora os padres não querendo que taes coisas se ensinassem, porque o povo assim chegaria á verdade, juraram perder o homem. E foi o que fizeram.

A pretexto de que elle tomara parte nas luctas do povo contra o governo espanhol que lhe mandava os filhos para as guerras d'África, prenderam-no, encarceraram-no num castello terrivel, o de Montjuic, e no dia 13 de outubro, ás 9 horas da manhã, mataram-no a tiros de balas!

Em vão todas as nações da Europa haviam pedido ao governo espanhol que não matasse esse homem, que era um justo e um bom.

Em vão todos os escriptores, sábios e associações populares pediram a liberdade de Ferrer; a nada o governo se moveu.

Porquê? Porque atraz d'elle estavam os padres, estava o papa, estava toda a egreja catolica a dizer: *Mata-o, mata-o! porque elle não ensina como nós queremos!*

E o governo matou-o em obediencia aos padres, em obediencia á egreja! E não se contentou só em o matar: tirou-lhe ainda, ou melhor, roubou-lhe ainda todos os seus bens, desterrando em seguida os membros da sua familia. Os filhos que até ali eram sustentados por esse homem, foram obrigados a procurar trabalho para não morrerem de fome.

Mas queres saber agora o que a seguir se passou no mundo? Queres saber o que aconteceu aos assassinos? Foi que todo o mundo se ergueu contra a Espanha e contra a Egreja.

Os padres foram amaldiçoados e o governo espanhol cuspidos, ultrajados e ameaçados pelo povo de todas as nações. Em Paris, Londres, Marselha, Roma, Berlim, Lisboa, por toda a Europa, na America e na Africa, os representantes de Espanha foram ameaçados e a bandeira espanhola enlameada e esfarrapada. Os navios que chegavam de Espanha com mercadorias, não achavam quem os quizesse receber. Os portos de mar fechavam-lhe as suas entradas e até os carregadores, até os pobres operarios se negavam a descarrega-los. Os marinheiros e os pescadores todos lhe voltavam as costas ou os ameaçavam com os punhos erguidos.

Em vão o rei de Hespanha quiz aplacar esse movimento de protesto; em vão elle deitou fóra os ministros que com elle mataram Ferrer. A maldição do mundo continuou e continua ainda. As manifestações publicas foram tão grandes em todo o mundo, que muita gente chegou a julgar que ia rebentar uma guerra universal. Houve reuniões de mais de cem mil pessoas, como por exemplo em Londres e em Paris.

Para maior desprezo por esses clericos, quasi todas as grandes cidades da Europa determinaram dar o nome de Ferrer a uma das suas ruas. E a cidade de Paris vae erguer-lhe uma grande estatua em frente da basilica do *Sacré Couer*, que é a principal egreja dos jesuitas, depois da de Roma.

Os italianos vão tambem levantar-lhe outra estatua, mesmo em frente do Vaticano, que é o palacio do papa, para que elle veja e se lembre sempre do crime monstruoso que commetteu. Essa estatua em frente da habitação do papa, significará a maldição do Povo contra a Egreja que o quer escravisar, essa Egreja que não contente em lhe dar um inferno em vida, ainda lhe prega e promete outro inferno para depois da morte.

Essa estatua dirá sempre, de manhã á noite, todos os dias, todos os mezes, todos os annos, sempre, sempre, aos representantes da Egreja: «Vocês mataram-me, mas eu aqui estou! Quizeram tambem matar a minha escola, mas ella está mais forte do que nunca». E na alcova do papa, apparecerá todas as noites o fantasma de Ferrer a dizer-lhe: «Quizeste matar a minha Escola, mas tu e a Egreja é que hão de morrer!»

E pelos aposentos do rei de Espanha, esse mesmo fantasma repetirá: «Mataste-me e quizeste matar a minha obra, mas tu é que has de morrer, vendo antes d'isso o trono em que te sentas despedaçado pela colera do povo que até hoje tens opprimido, desterrado e fuzilado!»

E assim será com efeito. Porque os tempos mudaram inteiramente.

¶ Agora já o povo conhece o que precisa. E, embora a Egreja continue a guerrear a instrucção popular, o povo já não se deixa illudir com as lérias que os padres lhe lançam dos pulpitos e dos confissionarios. O povo reconheceu que precisa saber ler para poder viver; reconheceu que se não fór instruido todos o dominarão, todos o escarnecerão e ninguem o olhará como gente.

A Egreja pensa que póde ainda mandar no povo como no tempo da Inquisição, em que ella o assava nas fogueiras, como nós assamos castanhas num ma-

gusto. Não; o povo já não vae assim, de olhos tapados, como o rebanho para a tosquia. Os tempos são outros. O mundo marcha e com elle as ideias e as reformas sociaes.

Um presidente de ministros dizia ha poucos dias na capital de França: «Depois de 40 annos de republica, é preciso que o paiz entre na paz. E' necessario que todos os cidadãos saibam que as guerras selvagens acabaram... As boas vontades procuremo-las em primeiro logar entre os professores, aos quaes recommendaremos que não ministrem *o ensino contra alguém, mas para toda a gente!*»

Este homem exprimiu o pensamento moderno. Anunciou uma era nova, onde o povo saberá viver e governar-se, sem rei e sem padres, sem guerras e sem odios, sem fronteiras enfim, que separem as almas e as nações. E essa era vae cumprir-se. Tudo para ella se prepara. Prepara-te tu tambem, povo dos campos, a fim de que a tua voz se ouça nesse concerto universal, onde em breve possas tambem entoar o hino sagrado da tua libertação.

## O BAPTISMO

O Povo ainda teme, nalguns pontos, registar os seus filhos civilmente, isto é, na administração do concelho, todavia é este costume que elle deve sempre seguir. Todo o cuidado deve, porém, ter em praticar esse acto dentro do praso da trinta dias a contar do dia do nascimento da creança. Por este processo o Povo não se sujeita a um dia, mais tarde, suportar graves desgostos e ás vezes grandes prejuizos, ao tratar-se do recrutamento militar, de casamentos ou de heranças. Porque os padres muitissimas vezes não cuidam, como devem, de fazer os assentamentos de baptismo com o zelo e cuidados exigidos. Temos conhecido freguezias onde ha assentamentos de baptismo em que não ficou escripturado o dia do nascimento do baptisado e muitos assentos são desvalorizados porque as testemunhas não assignaram o assento no livro competente.

Faça-se, portanto, sempre o registo civil.

De Villa-Nova, perto de Miranda do Côrvo, onde se têm feito muitos registos civis, perguntam-nos o que devem fazer para que as creanças não fiquem sem o sacramento do baptismo. E' facil a resposta: ou vão á igreja depois do registo civil, baptisar a creança, se a querem baptisada com luxo, ou baptisem-na em casa. Nós sabemos mesmo que o Povo costuma baptisar ás creanças apenas nascem, com medo de que morram sem esse sacramento; pois podemos afoitamente dizer-lhe que a creança fica tão bem baptisada em casa por qualquer homem ou mulher, quer esse homem ou mulher seja catholico quer não, como ficaria na igreja.

O padre João Pedro Gury que escreveu um livro sôbre estas coisas, livro que está aprovado pela Igreja e por onde os padres têm estudado no seminario, diz, quando trata do ministro do baptismo, isto é, da pessoa que pôde baptisar, o seguinte:

«... *Qui libet homo ratione utens, sive vir, sive mulier, sive catholicus, sive hereticus, sive fidelis, sive infidelis est Minister extraordinarius baptismi.*»

O que em portuguez quer dizer que *qualquer pessoa humana, homem ou mulher, catholico ou hereje, fiel ou infiel, é Ministro extraordinario do Baptismo*; isto é, qualquer pessoa nas condições acima apontadas pôde baptisar validamente.

Deveis até lembrar-vos d'uma coisa: é que o vossó prior quando levas uma creança á pia, a primeira cousa que elle pergunta é se ella já foi baptisada em casa. Até vós costumaes enganá-lo sempre, dizendo-lhe que não, quando na verdade ella já o foi pela avó ou pela parteira. Se lhe dissesseis a verdade elle já não podia torná-la a baptisar. Bem vêdes, portanto, que o Baptismo que fizerdes em vossa casa, com agua morna e com todos os cuidados, têm todas as virtudes do Baptismo feito na Igreja sem ter nenhum dos seus inconvenientes. — DOCTRINA..